Quercus ambiente

Masrço/Abril 2008 • Ano 5 • n.ª28 • www.quercus.pt • Distribuição gratuita

Arquitectura Sustentável e reabilitação

► Páginas 16/17/18

JP

Entrevista a Lívia Tirone
Sobre Construção Sustentável

"Temos práticas de construção péssimas"

► Página 4

DR

O "NÃO" ao Programa Nacional de Barragens

► Página 24

HS

Cosméticos e segurança

► Página 8

JP

Damos
Novos Mundos
à Saúde
Em termos **genéricos**, somos **Portugueses**.

Empresa certificada em
Segurança, **Qualidade** e **Ambiente**

TÜV SÜD ISO 9001
CERTIFICAÇÃO DE SISTEMAS NP EN ISO 14001 SGS
CERTIFICAÇÃO DE SISTEMAS OHSAS 18001 SGS

Fresenius Kabi
Caring for Life

LINHA DIRECTA LABESFAL GENÉRICOS 918 643 285

LABESFAL - LABORATÓRIOS ALMIRO, SA - Santiago de Besteiros - 3465-157 - Campo de Besteiros - PORTUGAL
Tel.: +351 232 83 11 00 • Fax: +351 232 83 11 12 • genericos@labesfal.pt
Capital Social: €6.500.000,00 - Matriculada na Conc. do Reg. Com. de Tondela sob o nº 232 - Contribuinte nº 501 169 580

www.labesfalgenericos.pt

LABESFAL
GENÉRICOS
Pela Nossa Saúde

Quercus quer lâmpadas incandescentes fora do mercado até 2011

A Quercus reivindicou no passado dia 28 de Fevereiro o fim das lâmpadas incandescentes até ao ano de 2011, através da entrega simbólica de um mega-postal de quatro metros quadrados junto do Ministro da Economia e Inovação, Manuel Pinho. O objectivo passa por alcançar uma maior eficiência económica, optando por lâmpadas economizadoras, uma alternativa mais benéfica para o ambiente.

Sara Campos

Trinta milhões é a quantia aproximada de lâmpadas incandescentes vendida por ano em Portugal. Segundo o projecto Ecofamílias da Quercus, este é o tipo de lâmpadas que a maioria das casas portuguesas utiliza na sua iluminação. Uma conclusão tirada a partir de tendências estudadas em várias centenas de famílias.

Na perspectiva da Quercus, extinguir em três anos a venda deste tipo de lâmpadas mais poluente é uma meta perfeitamente possível de cumprir, à semelhança do que já anunciaram os governos da Irlanda, Reino Unido, Itália e Austrália.

Se em 2011 este objectivo for alcançado, tal significará uma poupança de 1.400 GWh/ano, o correspondente a 3% do consumo de electricidade e uma redução nas emissões de CO2 em mais de 680 mil toneladas por ano. Em termos de comparação, o recente plano para a construção de 10 novas barragens (PNBEPH) apresentado pelo governo, terá uma produção anual de 1.632 GWh/ano.

A taxa ambiental de 0,41 euros/lâmpada aplicada à venda de lâmpadas incandescentes, em vigor desde dia 1 de Março, traduz-se numa receita de 12 milhões de euros para os cofres do estado. Verbas que serão aplicadas em medidas de eficiência energética ou canalizadas para o Fundo de Carbono, instrumento que ajuda no cumprimento das metas do Protocolo de Quioto, através da compra de créditos de emissão de gases com efeito de estufa.

No entanto, a Quercus sustenta que pagar pelo excesso de emissões poluentes não soluciona o problema. A substituição de lâmpadas proposta seria sim uma verdadeira medida estrutural de eficiência energética, que, refira-se, possibilitaria ao estado uma poupança ainda maior, de 13 milhões de euros por ano.

As novas metas anunciadas pela União Europeia, no contexto do Pacote de Energia e Alterações Climáticas, incentivam todos os estados-membros a investir na área da eficiência energética, considerada prioritária.

Se em 2011 todas as lâmpadas incandescentes tiverem sido retiradas do mercado, calcula-se que, em 2020, a poupança alcançada rondará os 25%, face ao consumo eléctrico de 2007 (12 GWh). Uma redução que, em termos de emissões de gases de efeito de estufa, representa 6 milhões de toneladas a menos de CO2/ano ou, se quisermos, o correspondente a 10% do ano base do cumprimento do Protocolo de Quioto.

Por fim, este objectivo traçado pela Quercus anteciparia em quatro anos a meta estabelecida no Plano Nacional de Acção para a Eficiência Energética, apresentado no mês passado e em discussão pública até 21 de Março.

EDITORIAL

Quercus *Quo Vadis*?

Hélder Spínola
Presidente da Direcção Nacional da Quercus

A Quercus, fundada em 1985, vai a caminho do seu primeiro quarto de século de existência. A sua génese explica muito do que tem sido e feito ao longo deste período de mais de duas décadas e explica também aquilo que continua a ser hoje e que pretende ser no futuro. O facto desta Associação Não Governamental de Ambiente ter sido constituída inicialmente, em grande parte, pela reunião de grupos ambientais locais e regionais, atraindo também ambientalistas integrados em estruturas completamente informais, condicionou a sua estrutura e funcionamento até aos dias de hoje.

A Quercus, embora não seja estatutária nem funcionalmente uma federação, tem uma lógica de profusão de estruturas de âmbito geográfico e temático, as quais mantêm um profundo grau de autonomia de funcionamento embora sempre paralela à linha de referência de toda a organização. Os Núcleos Regionais da Quercus são o testemunho mais claro desta realidade, muitos deles constituídos através da integração de organizações locais, mas o próprio funcionamento dos grupos de trabalho e projectos reflecte a mesma condição.

Esta característica singular da Quercus resulta directamente da forma como foi constituída e da forma como cresceu. Passados 22 anos a Quercus continua a crescer e a funcionar com base no mesmo conceito, o que constitui uma mais valia na sua capacidade de afirmação e trabalho na defesa do ambiente.

O que a Quercus tem sido e feito ao longo deste tempo resulta acima de tudo do seu capital humano. Resulta das largas centenas de anos que, no seu conjunto, muitos sócios e dirigentes deram e continuam a dar à Associação. Com empenho e boa vontade, sem esperar proveitos próprios nem com segundas intenções. Resulta das prioridades comuns que todos souberam definir no âmbito da sua intervenção: o Ambiente e a Associação.

Claro que ao longo de todo este tempo nem todos se aproximaram da Quercus movidos por boas intenções e munidos de um espírito altruísta. Apesar dos estragos que esses poucos fizeram, e existem alguns exemplos na história da Quercus, a grandeza da Associação soube repor e seguir em frente sempre com mais força. A abertura que a Quercus continua a demonstrar a todos os que se apresentam demonstrando vontade em dar o seu pequeno ou grande contributo faz correr estes riscos mas as vantagens desta postura continuam a ser muito superiores às consequências que acarreta.

O que ganhou ou perdeu a Quercus no seu percurso? Ganhou dimensão e estrutura. Ganhou maturidade e diversidade na abordagem aos temas ambientais. Ganhou pessoas, projectos e conseguiu levar a sociedade a perceber a importância da sustentabilidade ambiental. Traduziu a sua imagem e notoriedade junto da sociedade, em crescimento, organização e estrutura interna. Saiu das trincheiras de onde tentava derrotar os "inimigos" do ambiente e foi dialogar, debater e discutir com eles. Assumiu que a sua responsabilidade não passa apenas por denunciar e apontar o caminho certo mas também por reunir esforços com organizações públicas e privadas no sentido de, juntos, encontrar e implementar soluções. Perdeu a inocência de que os problemas ambientais se resolvem apenas com boa vontade. Percebeu que o percurso da sustentabilidade é penoso e moroso mas possível desde que a sociedade esteja empenhada nesse objectivo.

Qual o futuro da Quercus? Continuar. Melhorar. Crescer. Dinamizar. Fazer mais. Não se deixar travar pela inércia do receio de seguir em frente nem pelo conforto de viver à sombra do que já foi feito no passado. Apostar nas pessoas da Associação e da sociedade pois qualquer trabalho, qualquer mudança, passa por elas.

Entrevista

a Lívia Tirone

sobre Construção Sustentável

"Temos práticas de construção péssimas"

"Lívia Tirone é arquitecta e trabalha há vinte anos em construção sustentável. Integrou a Task Force Environment and Sustainable Architecture para o Conselho de Arquitectos da Europa, que contribuiu para a elaboração da directiva para a eficiência energética dos edifícios. Em 2004 foi nomeada pela Câmara Municipal de Lisboa para o cargo de Administradora Delegada da Agência Municipal de Energia – Ambiente de Lisboa. Ao Quercus Ambiente falou da situação da arquitectura sustentável no nosso país e das medidas possíveis a concretizar, a nível das habitações ou de bairros, abordando exemplos concretos."

DR

Sofia Vilarigues

Há quanto tempo trabalha na área da construção sustentável?

Eu há vinte anos que actuo nesta área da construção sustentável, no âmbito da empresa Tirone Nunes, que é a empresa que projecta os edifícios, mas também promove os edifícios.

Em Portugal, o que é que já se faz e o que há ainda por fazer ao nível da construção sustentável?

Em termos de enquadramento político estamos muito bem. Temos novos regulamentos, temos uma grande vontade à escala nacional de não continuar a empobrecer o país com má construção, que é o que nós fazemos neste momento. Há um bom enquadramento para melhorar as práticas, há novas exigências também a nível da Comissão Europeia que foram transpostas para Portugal, com a directiva que obriga a um melhor desempenho dos edifícios. Todos esses passos estão a ser dados da forma mais adequada possível. Agora, a nossa realidade, que não podemos alterar em dois dias mas que vamos alterar em três, é a das práticas comuns. Nós temos práticas de construção péssimas. E esta é a realidade que temos de mudar rapidamente para poder vir a beneficiar da vantagem que o nosso clima nos dá, a radiação solar, melhorar a qualidade de vida das pessoas e reduzir os custos desnecessários do ponto de vista energético.

O que já há no nosso país, no âmbito dos sistemas de certificação energética?

O sistema obrigatório é o sistema de certificação energética dos edifícios, que é a transposição da Directiva 2002/91/CE. Essa directiva europeia obriga todos os Estados-membros a quantificar o desempenho energético dos edifícios e a qualidade do ar interior. Essa obrigação europeia foi transposta já em vários países, não ainda em todos como deveria ter sido, mas Portugal foi um dos que já transpôs. Resultou em três decretos-lei, que são o DL número 78 de 2006, de 4 de Abril, que é o decreto-lei que obriga à certificação energética, o DL número 79, sobre o RESECE – Regulamentos dos Sistemas Energéticos de Climatização em Edifícios, e o mais genérico, que tem a ver com o RCCTE – Regulamento das Características de Comportamento Térmico dos Edifícios, que é o DL número 80, de 2006, também de 4 de Abril.

Há também sistemas não obrigatórios. É o caso do LíderA, que é um sistema mais abrangente, que entra também na área do consumo da água, da localização do edifício, etc. E é um sistema voluntário. Foi adaptado para Portugal, e bem adaptado, pela equipa do Professor Manuel Duarte Pinheiro, de vários sistemas europeus e mundiais.

Poderia dar alguns exemplos do tipo de medidas e do que se alcança, ao nível da energia com a construção sustentável?

Se nós construirmos bem, se soubermos isolar bem os edifícios, se soubermos trazer a inércia térmica para funcionar a favor do interior, do clima interior, conseguimos ter edifícios com temperaturas estáveis entre os 18 e os 26 ºC, durante todo o ano, portanto com condições de conforto. Conseguimos alcançar isto sem investir na energia, nem para arrefecer nem para aquecer. Isto é o primeiro ponto e o mais importante, porque é o que no fundo garante o conforto às pessoas. Depois, teremos também qualidade do ar. Portanto teremos capacidade, ao escolher também os materiais de, no sector habitacional, conseguirmos alcançar condições excelentes de salubridade e de conforto com uma boa construção. O que também inclui boa iluminação natural, boas condições acústicas, do ponto de vista de não termos que sofrer com o ruído, etc. Obviamente que, neste contexto, o consumo de energia é muito inferior. A utilização de energia

DR

DR

passa, depois, muito pelo utilizador. Agora, o que é certo é que são proporcionadas condições de conforto, não se precisando de utilizar energia ou utilizando-se muito pouca.

Que práticas de construção é que levam a esse conforto e a essa eficiência?

O bom isolamento térmico, que tem de ser contínuo e idealmente aplicado pelo exterior dos edifícios. A boa inércia térmica a funcionar a favor do interior. Caixilharias e vidros com alta qualidade e obviamente duplos, vidros duplos. Sistemas de sombreamento exterior para evitar ganhos excessivos. Recentemente publiquei um livro que tem lá todas as medidas relevantes descritas. São muitas mais, mas as principais no nosso clima são estas.

Como se chama o livro?

O livro chama-se "Construção sustentável – Soluções Eficientes hoje são a nossa Riqueza de Amanhã" e é um livro que tenta tornar muito acessível todas as medidas que têm um impacte positivo no bom desempenho energético e ambiental dos edifícios. O enfoque está na habitação, principalmente.

Qual a diferença entre o caso dos edifícios de habitação e os edifícios de serviços?

A diferença em edifícios de serviços é basicamente que nos edifícios de serviços temos uma maior densidade populacional e acabamos por isso por ter muito mais ganhos internos, também através dos equipamentos que utilizamos, etc. Isto implica que as medidas podem ser mais passivas na habitação e têm de ser mais activas nos edifícios de serviços.

Ao nível da água, o que é que já se pode fazer, em termos de redução de consumos ou de valorização?

Podemos reduzir a nossa procura da água com a utilização de dispositivos que hoje em dia existem no mercado, e que podem reduzir até metade o gasto de água nas torneiras. Podemos também reutilizar águas cinzentas, bem recicladas, ou águas da chuva bem recicladas. Para a água da chuva existem sistemas que se podem implementar à escala do edifício e à escala da moradia, facilmente, são sistemas que já estão à venda também em Portugal. A nossa página na Internet (www.tironenunes.pt), tem essas indicações das empresas que estão a fornecer tais sistemas. O livro que publiquei também refere alguns. E a

> "A nível nacional há certamente os projectos que temos feito ao longo dos anos, e temos alguns projectos feitos por colegas, à escala sobretudo das moradias. Edifícios com mais impacto, cá, temos a Torre Verde e a Torre Sul, no Parque das Nações."

propósito, o site que está associado ao livro é o www.construcaosustentavel.pt. Nessas bases conseguimos encontrar muitas das próprias especificações e das entidades que os comercializam.

Essa reutilização é para que fins?

Fins não potáveis. Para descargas das sanitas, nas máquinas de lavar, na rega, na lavagem dos espaços exteriores. Portanto, para tudo o que não seja potável, é certamente aceitável utilizar águas que não tenham a qualidade de potável.

Poderia referir alguns exemplos de construção sustentável, quer no nosso país, quer a nível internacional?

A nível nacional há certamente os projectos que temos feito ao longo dos anos, e temos alguns projectos feitos por colegas, à escala sobretudo das moradias. Edifícios com mais impacto, cá, temos a Torre Verde e a Torre Sul, no Parque das Nações

E, depois, a nível internacional, temos projectos interessantes, mas que vão muito longe, temos de mudar o estilo de vida para lá conseguir viver. Que é o caso do BedZED - Beddington Zero Energy Development, que é um projecto em Beddington, na Inglaterra, a vinte quilómetros de Londres. Esse projecto teve grandes ambições a nível de redução para zero das emissões de carbono. Com medidas que têm a ver inclusive com as energias renováveis, incluindo o impacte positivo das energias renováveis, fizeram o cálculo e o balanço do carbono, é zero. Mas, aí, foi necessário mudarem de estilo de vida, para atingirem os resultados pretendidos. As pessoas não podiam, por exemplo, ter dois carros por família.

Isso é ao nível de um bairro?

Sim, é um bairro, Bedzed. No nosso site tem referência a uma visita, que um

DR

> "Se nós construirmos bem, se soubermos isolar bem os edifícios, se soubermos trazer a inércia térmica para funcionar a favor do interior, do clima interior, conseguimos ter edifícios com temperaturas estáveis entre os 18 e os 26 ºC, durante todo o ano, portanto com condições de conforto."

colaborador nosso fez ao local, temos lá muita informação e um link para o site deles. É um bairro muito interessante. Obviamente que em termos arquitectónicos é uma solução específica e que foi estudada para aquele local, mas é uma experiência positiva.

Depois tem outras zonas como Malmö, na Suécia. Que é também um bairro moderno, foi construído para a grande feira de 2001. Chama-se BO01. É uma zona de porto, que foi transformada de industrial para habitacional, mista aliás, tem escritórios, tem restaurantes. É também uma experiência extremamente interessante do ponto de vista urbanístico. Tem uma vertente importantíssima, que não acontece em BedZED, que é a diversidade. Tem uma abordagem muito interessante à diversidade, a vários níveis. Não só do ponto de vista visual, mas também do ponto de vista de tipologias e de usos da propriedade. Esses conceitos são do arquitecto Klas Tham que foi o grande responsável pelo plano de urbanização dessa área.

A esse nível de bairro, zonas de cidade ou até cidades, quais considera que podem ser os desafios que se colocam à arquitectura e planeamento sustentável?

Eu penso que aí, estamos a envolver já um conjunto de questões para além do desempenho energético ambiental. Temos de ter a responsabilidade de criar contextos com os quais as pessoas se identificam e em que contribuem com boa vontade em mantê-los com a qualidade que têm e merecem. Portanto, aí estamos a falar de um conjunto de valores, que não são apenas valores quantificáveis, são valores mais subjectivos, mas que são extremamente importantes. Por exemplo, o facto de haver essa diversidade de que lhe falava à pouco, e que nos faz sentir estimulados. O facto de os materiais, as texturas e as ruas falarem uma linguagem que explica intuitivamente às pessoas se é para andar a pé, se é para andar devagar, se é para andar de carro. O facto de termos, também em termos de diversidade, tudo perto de casa. O facto de sairmos de casa e podermos em dez minutos a pé satisfazer as nossas necessidades, ir às compras, ir buscar o pão, o jornal, ir trabalhar, inclusive, seria um luxo. Aqui, estão envolvidos todos os conceitos, que estão associados à sustentabilidade. Todos estes conceitos têm de ser integrados, com força, com adaptação a cada contexto, necessariamente. São conceitos muito importantes, a fazerem parte do novo leque de ferramentas e de responsabilidades que quem planeia tem de sentir.

Biodiversidade para o Tejo Internacional 2008-2012

O projecto que se desenvolverá ao longo de 5 anos, de 2008 a 2012, envolve diversas frentes de intervenção e incide nos 2 pólos de intervenção que aí possuímos, tanto ao nível dos terrenos como das instalações.

Rio Tejo

Desde 1987 que a Quercus dedica grande atenção à área do Tejo Internacional, estreita faixa de território que ao longo de 40 km forma a fronteira com a Extremadura Espanholas e que vai do rio Erges a leste ao rio Pônsul e oeste. No âmbito da intervenção da associação nesta região a Quercus adquiriu ao longo dos anos vários terrenos constituindo uma rede de reservas biológicas que inclui o Monte Barata, herdade com 410 hectares situada nas freguesias de Malpica do Tejo e Monforte da Beira do concelho de Castelo Branco, bem como um outro conjunto de terrenos e instalações com cerca de 200 hectares, situados na freguesia do Rosmaninhal do vizinho concelho de Idanha-a-Nova.

Face à necessidade que sentimos de criar condições para a conservação e fomento da riqueza biológica destes espaços lançámos o projecto "Biodiversidade Para o Tejo Internacional 2008-2012", o qual mereceu o apoio da **Brisa – Auto-estradas de Portugal, S.A.**.

A intervenção terá efeito positivo sobre vários habitats, montado de sobro e azinho, tamujais, galerias ribeirinhas, zonas húmidas em geral, e inúmeros grupos faunísticos, dos mamíferos às aves, aos reptéis, anfíbios e invertebrados, incluindo espécies raras, e ameaçadas, como a águia de Bonelli, águia-imperial-ibérica, abutre-negro, abutre do Egipto, cegonha-preta ou o gato-bravo.

Noutra vertente a intervenção incidirá na promoção de espaços de visitação e educação ambiental, designadamente através da implementação de postos de observação, do desenvolvimento de programas de visita e da divulgação deste património junto de um público mais alargado.

As acções desenvolvem-se em meio florestal (montado de sobro e azinho) com florestação e adensamento com recurso a protecção contra herbivoria por veados e gado. Serão também realizadas acções com vista à melhoria das condições fito-sanitárias do montado com o objectivo de promover a melhor resistência das árvores aos agentes patogénicos.

Outras acções vão ter como objectivo as zonas húmidas. As acções de engenharia natural incidirão sobre as principais linhas de água - ribeira do Marmelal, ribeira da Castiça e Vale Juncoso no Monte Barata - e ribeira da Fonte Santa no Rosmaninhal, com o objectivo da criação de uma maior diversidade de locais de alimentação e abrigo para diversas espécies animais, promovendo a consolidação e valorização das margens. Serão também criadas algumas charcas nalguns pontos estratégicos da herdade.

Uma terceira linha de intervenção visa implementadas diversas acções que permitirão aumentar a disponibilidade alimentar e a capacidade de suporte do habitat a espécies como o coelho-bravo e a perdiz, motivando também o aumento da própria produtividade das mesmas;

Neste sentido prevê-se a instalação de prados herbáceos e de culturas anuais favoráveis às espécies presa bem como a instalação de bebedouros e comedouros para o coelho-bravo e a perdiz e de refúgios artificiais e protecção de colónias naturais de coelho-bravo.

Vamos também revitalizar o olival tradicional, importante no contexto da biodiversidade enquanto local de abrigo e fonte de alimento mas também para produção de azeite em modo biológico. Serão também instaladas fruteiras em vários pontos da herdade do Monte Barata não tanto com vista ao consumo dos seus frutos, mas sim com vista a proporcionarem alimento à fauna existente.

Ribeira do Marmelal

No Monte Barata será instalado um pombal para proporcionar mais presas a algumas espécies, como a águia de Bonelli.

A intervenção passa ainda pela gestão de dois Alimentadores de Aves Necrófagas, tendo em conta a presença significativa de aves necrófagas nesta área (grifo, abutre-negro e abutre do Egipto, entre outras espécies). Uma destas estruturas fica situada nos terrenos da freguesia do Rosmaninhal e a outra será instalada no Monte Barata.

Queremos também conhecer melhor toda a riqueza biológica da área razão pela qual daremos também atenção à realização de levantamentos, censos e monitorização.

Haverá também algumas intervenções com vista à melhoria das condições de acolhimento, nomeadamente nas instalações do Monte Barata permitindo o acolhimento de visitantes e pessoas interessadas no estudo e observação da natureza, estagiários e investigadores que utilizam as instalações como local de apoio para trabalhos de campo.

Para apoio aos visitantes serão elaborados painéis informativos e interpretativos alusivos aos valores naturais do Monte Barata e da área do Rosmaninhal, serão marcados percursos existentes (definidos no Guia de Percursos do Tejo Internacional editado pela associação) e outros

Rio Tejo

novos que demonstrem interesse para o conhecimento da região. Vamos também elaborar um folheto informativo a distribuir aos visitantes com informação básica sobre valores naturais, acessos e capacidade/condições de estadia.

Como complemento dos percursos vão ser melhoradas as condições do observatório de aves dos Alares e serão instalados mais dois pequenos observatórios, um num local sobranceiro ao Vale Juncoso (zona húmida) e outro numa encosta oposta ao futuro alimentador de aves necrófagas desta herdade.

A herdade do Monte Barata é de todos nós associados da Quercus. Para levar a cabo toda estas tarefas de manutenção e melhoria das instalações e a preservação dos valores naturais ali existentes precisamos também da sua colaboração.

Contactos para visitas:
Telefone: 93 778 84 73
E-mail: fcnatureza@quercus.pt

Texto: José Paulo Martins

Notícias

Rede de micro-reservas

Carvalhal da Barranca da Loba: nova micro-reserva biológica junta-se à nossa rede de espaços protegidos

A micro-reserva fica inserida na **Herdade do Freixo do Meio** propriedade com cerca de 1900 hectares, situada no concelho de Montemor-o-Novo, quase toda ocupada por montado de sobro e azinho, onde se faz uma exploração agro-silvo-pastoril sustentável, com base no Modo de Produção Biológico e onde se realizam uma série de serviços, visitas e workshops dedicados às actividades rurais, sustentabilidade e biodiversidade.

O Carvalhal da Barranca da Loba - um cercal reliquial com cerca de 6 hectares, é constituído por carvalhos-portugueses, também denominados de cerquinhos (*Quercus faginea* subsp. *broteroi*) de elevado porte e idade já avançada e encontra-se em óptimas condições de conservação. Possui ainda uma vegetação associada bastante rica e característica destes cercais, na sua vertente mais calcária e alcalina, onde predominam arbustos como a aroeira, o lentisco, o folhado, o medronheiro e uma série de lianas como a pervinca, a salsaparrilha-bastarda, a hera sem esquecer a rosa-albardeira ou o capuz-de-frade.

Este cercal desenvolve-se num vale bastante encaixado de um afluente do rio Almansor e constitui abrigo e corredor de comunicação para muitas espécies de fauna.

Carvalhal de cerquinho

No sentido de ajudar a conservar este espaço com cerca de 6 hectares, foi assinado um protocolo entre a **Sociedade Agrícola do Freixo do Meio** e a **Quercus** com vista à realização de uma série de acções conjuntas que permitam a conservação e alargamento do espaço deste carvalhal e a manutenção de todos os valores naturais a ele associados criando ao mesmo tempo condições para que o local possa ser visitado sem que daí resultem danos ao ecossistema.

Reserva Biológica do Cabeço Santo

Para 2008 o Projecto Cabeço Santo propõe-se enfrentar vários desafios:

1) Colaborar com a **Silvicaima** na recuperação de zonas ribeirinhas do Ribeiro de Belazaima.

2) Colocar um esforço importante na recuperação das áreas de encosta já destinadas no papel à conservação, mas gravemente carentes de trabalhos de remoção da vegetação exótica e invasora.

3) Executar trabalhos de recuperação ecológica pela introdução de espécies nativas em zonas de reconversão de eucaliptal, nos terrenos da **Quercus** e da **Silvicaima**, num total de cerca de 4 hectares.

4) Promover a participação voluntária e a dimensão pedagógica do projecto.

Os últimos dois pontos estão já em marcha desde o início de Fevereiro, e materializaram-se pela realização de várias jornadas de trabalho voluntário para plantação e sementeira de espécies nativas: medronheiro, carvalho e sobreiro. Entretanto foi criado um blogue para divulgar informação sobre o projecto e gerir e promover a participação voluntária é: http://ecosanto.wordpress.com.

Algumas escolas da zona foram convidadas a desenvolver acções de carácter pedagógico com alunos, no Cabeço Santo.

O ponto 2 será em parte desenvolvido com trabalho voluntário e em parte com trabalho remunerado.

O ponto 1 é o de mais difícil realização pela dimensão das acções que implica: trabalho difícil em zonas de elevado declive e negociações com outros proprietários para cedência de direitos de intervenção.

Para que seja possível o desenrolar destes planos o **Núcleo de Aveiro da Quercus** conta com alguns apoios, para além do da **Silvicaima**, nomeadamente por parte da **Câmara Municipal de Águeda**, empresas locais e mecenas privados.

Actividades de florestação no Monte Barata

Nas últimas semanas decorreram algumas acções de florestação nesta herdade. Assim, no âmbito de um protocolo com a **LeasePlan Portugal Lda.** teve lugar a primeira fase de florestação (numa área de 1.5 ha), com base na compensação de emissões dos veículos desta empresa. O projecto GreenPlan desta empresa prevê a adesão dos seus clientes a esta iniciativa permitindo no futuro ampliar as acções agora efectuadas.

Plantação no Monte Barata

Noutra acção apoiada pela **Multipessoal S.A.** foram plantadas mil sobreiros e azinheiras em mais um contributo para a florestação e adensamento das áreas de montado desta herdade.

Boga-portuguesa

Conservação de Organismos Fluviais

Muitos dos peixes de água doce endémicos do continente português bem como vários outros organismos aquáticos, entre os quais plantas e invertebrados, encontram-se criticamente ameaçados de extinção. Estes endemismos ocorrem em pequenos rios e ribeiras do Sul do país, sujeitas a elevadíssimos níveis de poluição, degradação biofísica e fortes variações de caudal.

Neste contexto, a **Quercus** sentiu a premência de encetar medidas que permitam a conservação *ex situ* das espécies dulciaquícolas mais ameaçadas de extinção, tendo-se estabelecido um programa de colaboração que envolve a **Unidade de Investigação em Eco-Etologia do Instituto Superior Psicologia Aplicada**, o **Aquário Vasco da Gama** e a **Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa.** A **Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos** associa-se ao projecto visto que é na freguesia de Campelo que se localiza uma antiga piscicultura que foi escolhida para albergar as espécies-alvo deste projecto. A **EDP – Energias de Portugal S.A.** no âmbito da sua politica de parcerias com entidades competentes em matéria de estudo e conservação da biodiversidade, será o mecenas exclusivo deste projecto.As espécies alvo deste projecto são:

Nos peixes: Lampreia-de-riacho, *Lampetra fluviatilis/planeri*, Boga-portuguesa *Iberochondrostoma lusitanicum*, Escalo do Arade *Squalius aradensis*, Escalo do Mira *Squalius torgalensis*, boga do Oeste *Achondrostoma occidentale*, boga do Sudoeste *Iberochondrostoma almacai*.

Nas plantas aquáticas: dois fetos, a *Pilularia minuta* e o trevo-de-quatro-folhas *Marsilea quadrifolia* e um narciso ripícola endémico do sul de Portugal, o *Narcissus willkommii*.

texto: José Paulo Martins *Imagens:* Aquário Vasco da Gama, Ana Fonseca, Paulo Magalhães, Paulo Lucas, Tiago Caldeira

Apoie os Projectos de Conservação da Natureza e da Biodiversidade

Dados para donativos e informações sobre os projectos: NIB: **003501470004737433010**
Morada: **Apartado 230 7801-903 BEJA** Telefone **93 778 84 73** e-mail: fcnatureza@quercus.pt

Fundo Quercus Conservação Natureza

EARTH CONDOMINIUM
A NEW JURIDIC CONCEPT FOR THE PLANET